

A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA EM TEXTOS DE AUTO-AJUDA

Arnaldo CORTINA*
Sirlene DUARTE** (UFG/CAC)

RESUMO: *Com vistas a assinalar os efeitos identitários produzidos no discurso de auto-ajuda, procura-se, neste trabalho, verificar como a recorrência à escrita autobiográfica funciona como uma das estratégias discursivas utilizada para validar os argumentos desse discurso, criando assim efeitos identitários específicos. Para o presente estudo, utilizam-se, como texto de análise, alguns recortes da obra Inteligência multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de professores, do escritor Augusto Jorge Cury (1998).*

PALAVRAS-CHAVE: *Análise do Discurso, identidade, subjetividade.*

ABSTRACT: *Aiming to point out the identity effects produced by self-help discourses we intent, in this proposal, to verify how recurrence to autobiographic writing, acts as one of the discursive strategies used to validate the discourse's arguments creating specific identity's effects. In this research we used some excerpts from Inteligência multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de professores, written by Augusto Jorge Cury (1998).*

KEYWORDS: *Discourse analysis, identity, subjectivity.*

Neste trabalho concebemos a literatura de auto-ajuda, em suas diferentes apresentações, como uma discursividade contemporânea ligada à produção de valores, cujo funcionamento visa a interferir e a conduzir subjetividades. Para fazer funcionar esse tipo de discursividade, diversas e diferentes estratégias parecem ser utilizadas, algumas delas firmando-se, principalmente, no apelo do autoconhecimento e/ou da auto-estima. Autores de livros de auto-ajuda, como Augusto Jorge Cury (1998; 2003) e Lair Ribeiro (1992), por exemplo, partem do princípio de que toda e qualquer mudança que possa vir a acontecer na vida dos sujeitos depende exclusivamente da vontade e da ação de cada um deles. Nesse raciocínio, os problemas pelos quais passa o sujeito não são exteriores a ele, mas estão em sua própria interioridade. Isso significa dizer que o universo exterior ao sujeito está estabilizado.

Esse discurso, fundado no valor pessoal, funciona como “guia prático da vida”, conduzindo as subjetividades a um tipo de modelo que se quer

* Professor Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil, campus de Araraquara, bolsista de produtividade em pesquisa 2, pelo CNPq, pós-doutorado pelo Faculté Des Lettres Et Des Sciences Humaines, França(2002)

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Paulista Julio de Mesquita (2008), prof. Adjunto I da Universidade Federal de Goiás.

mercadologicamente. As subjetividades são assim dirigidas pela escolha de um “estilo de vida” a partir de uma gama de opções disponíveis e que visam à (re)estruturação de uma identidade própria, uma “auto-identidade”, segundo Giddens (2002). Há, na prática de auto-ajuda, toda uma retórica de convencimento em direção a uma demanda que requer que os sujeitos sejam capazes de ter certa performance a fim de imprimir uma imagem de “sucesso”. Junto ao aparecimento dessa demanda de domínio de novos posicionamentos e de nova imagem, o sujeito vai-se configurando em direção a uma “nova forma de sujeito”, um sujeito capaz de tudo fazer, de tudo poder, de controlar sua vontade, sua vida, de maneira eficiente e eficaz. É nessa ordem que o enunciado que vem funcionando como lugar máximo de interpelação é o enunciado “sucesso”: sucesso sobre si mesmo. A introdução dessa imagem de sucesso tem, por sua vez, propriedade de produzir evidências de real e para isso opera com determinadas máximas do tipo “você é capaz; você pode, basta querer”.

O sujeito, capturado na direção rumo ao sucesso, é aquele em que mais firmemente funciona a ilusão de completude, ou a ilusão de que um dia vai “chegar lá”. É essa ilusão que vai configurar uma forma-sujeito que tudo pode – pode fazer tudo, pode saber tudo, pode ter tudo –, crença ilusória de o que indivíduo atingirá o tão prometido sucesso. Isso culmina na ilusão de um sujeito super-tudo, uma vez que crê na ilusão de onipotência.

Nesse raciocínio, têm-se, no universo da auto-ajuda, discursos que, colocados dentro de um determinado campo de saber, visam a atualizar novos modos de agir e de se comportar em uma sociedade, atualmente, considerada competitiva e consumista. Uma prática que propõe gerenciar a coletividade (re)apropriando-se da individualidade, por isso, marcada por um tipo de poder que visa a disciplinar as subjetividades em direção à identidade que se quer alcançar. Com vistas a assinalar os efeitos identitários produzidos no discurso de auto-ajuda e para fins de análise deste trabalho, utilizaremos alguns textos da obra *Inteligência multifocal*, do escritor Augusto Jorge Cury (CURY, 1998). Procuraremos verificar neles como a recorrência à escrita autobiográfica, uma das estratégias discursivas com a qual o autor busca imprimir validade aos seus argumentos, possibilita criar efeitos identitários específicos nesse discurso.

A AUTOBIOGRAFIA NO ENTREMEIO DA IDENTIDADE E DA SUBJETIVIDADE

A construção identitária passa, no discurso de *Inteligência multifocal*, ou *Teoria multifocal do conhecimento*, doravante TMC, por dois momentos: pela construção de um tipo de conhecimento, apresentado como ciência, e pela experiência que o sujeito enunciativo faz de si. São duas construções

em que a segunda é condição para a primeira e, ambas, posteriormente, serão colocadas como modelos universais. A escrita autobiográfica é, assim, condição para a escritura da TMC.

É na esteira dessa afirmação que iremos pensar nos efeitos identitários produzidos pela prática autobiográfica que, inicialmente, visa a estabelecer uma coerência na trajetória de vida do sujeito e, num outro momento, dar a essa vida uma finalidade, uma “teleologia, um objetivo que nunca esteve inscrito nela desde o começo”, como bem já disse Bourdieu (2002). A história de vida, para esse autor, “é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico”, primeiro, e de modo silencioso, pelos etnólogos, e com “alarde”, em momento posterior, pelos sociólogos (p. 183).

A afirmação de que a história de vida e o relato dessa vida não se dissociam dos acontecimentos, portanto, possuem uma só e mesma dimensão, é uma “ilusão”, não uma verdade, e que o senso comum apregoa como um percurso de orientação na existência humana: “um caminho”, “uma estrada”, “uma carreira”, “uma passagem”, “um trajeto”, “uma viagem”, etc. Esse deslocamento linear tem um começo (“estréia na vida”), um meio (uma trajetória ou “etapas”) e um fim, seja este entendido enquanto meta (finalidade, propósito), seja enquanto finitude (“final da história”). Aceitar essa linearidade traz conseqüências no campo prático e teórico: primeiro, se a vida humana está organizada numa sucessividade coerente, há então uma cronologia que é de ordem lógica; segundo, tanto na biografia quanto na autobiografia o sujeito e o objeto “têm o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada, ou, de qualquer existência” (BOURDIEU, p. 184, grifos do autor).

O relato de vida, à luz dessas reflexões, é uma produção ligada a um habitus e a um mercado, tanto na forma de seu conteúdo quanto no tipo de mercado a que é oferecido. Aproxima-se, por isso, das diferentes formas que uma sociedade institui para representação identitária, “do modelo oficial da apresentação oficial de si”.

Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implicam a sua instituição como causas ou, com mais freqüência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo [e do autobiógrafo], que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido. (BOURDIEU, 2002, p. 184 - o grifo é do autor)

Para entendermos como a escrita autobiográfica faz o discurso da TMC funcionar, ou, se se quiser, como a TMC coloca em funcionamento a autobiografia, passamos, rapidamente, à organização da obra que escolhemos como material para o nosso recorte.

O livro *Inteligência multifocal* está estruturado em dezoito capítulos. No primeiro, a questão gira em torno dos problemas psicossomáticos que afligem o homem na contemporaneidade e de como é possível solucioná-los, daí o título “minha trajetória de pesquisa: princípios da formação de pensadores”. O segundo, “a metodologia e os procedimentos usados na construção da teoria da inteligência multifocal”, centra-se, basicamente, nos procedimentos teórico-metodológicos da *TMC* e em sua aplicabilidade enquanto terapia multifocal. Os tipos de pensamentos que formam a memória correspondem ao assunto do terceiro capítulo, apresentado como “a memória e os três tipos de pensamentos” e, na seqüência (quarto capítulo – “os três mordomos da mente educando e formando silenciosamente o eu”), os processos que irão fazer o gerenciamento das emoções são colocados como tema central. Os capítulos quinto, sexto e sétimo destinam-se a explicar cada um dos fenômenos que sustentam o equilíbrio do “eu”. Do oitavo ao décimo oitavo capítulos, a aplicabilidade da *TMC* é retomada.

Isso posto, podemos notar que a distribuição temática dos capítulos e a tentativa de ordenação linear da narrativa de vida parecem não se dissociar, mas implicarem-se. A apresentação (“estréia”) do enunciador na posição escritor, credenciada pela autoria de uma obra, que também está estreando, é acionada no primeiro capítulo. A trajetória do enunciador enquanto pesquisador e as etapas de construção da *TMC* podem ser encontradas do segundo ao sétimo capítulos e, a partir daí (do oitavo capítulo até o final da obra), tem-se a parte conclusiva do trabalho. Nela encontramos os modos de se aplicar a *TMC*. Os efeitos que essa vinculação produz é o de verossimilhança.

Vejamos alguns fragmentos retirados da obra:

- (1) escrevi este livro não apenas como escritor, mas como um engenheiro das idéias (p. 21);
- (2) comentarei alguns elementos psicossociais que contribuíram para promover minha trajetória de pesquisa. Esses dados são bem sintéticos e não visam ser uma autobiografia. Meu objetivo é fornecer algumas informações [...] que me fizeram, desde minha época de estudante de medicina, me apaixonar pelo mundo das idéias (p. 23-4);
- (3) parte do meu tempo [como médico] exerço a Psiquiatria e a Psicoterapia multifocal. Com ela muitos casos de doenças psíquicas de difícil tratamento, inclusive de pacientes autistas, têm sido resolvidos (p. 40);
- (4) este texto objetiva [...] dar um “rosto histórico” à minha produção de conhecimento (p. 26);

No recorte em (1)², a atualização do enunciado “engenheiro” cria estratégias para assumir o dizer na posição de um “eu”, modelar subjetividades, fabricar identidades, na tentativa de estabilizar um universo que, por natureza, é heterogêneo, num movimento que apela para uma ordenação racional, para um planejamento exato, sem falhas nem ambigüidades. Olhar o mundo com os olhos de engenheiro é colocar nele uma determinada ordem por meio de um conjunto de conhecimentos. Não ser apenas um “escritor”, mas um escritor-engenheiro, cujo talento firma-se na perspicácia e na criatividade e cuja verdade está segura nas mãos daquele que fala de um lugar legitimado, o da “medicina” (2 e 3). Porquanto existe verdade nesse dizer, ela é atestada também na história contada, uma vez que o que é narrado é a vida de quem realmente a vivenciou, por isso um “rosto histórico” (4) de sua existência. E, se essa vida narrada é apresentada como verdadeira, o “conhecimento” (4) que ela carrega segue esse mesmo curso. Criatura e criação confundem-se com sabedoria, são portadores de verdade. Com esse aporte de efeitos de sentido produzidos, e cumprindo a promessa que se materializou no último enunciado transcrito (4), a “história de vida” segue o seu curso:

(5) para fazer meu conhecimento, observava tudo. Todas as pessoas que me eram próximas se tornaram alvos das minhas observações e interpretações; mesmo as mínimas reações da minha mente se tornaram um material precioso para observações e interpretações; em qualquer ambiente, nos corredores da faculdade de Medicina, nas salas de aula, no leito dos pacientes, nos ambientes sociais, nas ruas e, posteriormente, nos anos em que exercia a Psicoterapia e a Psiquiatria, nos cursos que ministrava etc., eu observava contínua e prazerosamente o comportamento das pessoas (p. 26);

(6) até um mendigo era para mim uma pessoa [...] rica intelectualmente e interessante de ser observada e analisada [...]. Uma pessoa psicótica também [...] possui um admirável funcionamento da mente (p. 35);

(7) lembro-me de que o desejo de produzir uma teoria original [...] estava me dominando tanto, que, antes de me casar, há mais de 16 anos, chamei minha futura esposa de lado, que também era estudante de medicina, e lhe disse que se ela quisesse se casar comigo, teria que saber que grande parte do meu tempo seria dedicado à pesquisa e à escrita (p. 27);

(8) com o passar do tempo, minha esposa, percebendo que os procedimentos e os critérios que eu usava, ouvindo e analisando algumas idéias contidas em minha produção de conhecimento e o

² Essa idéia de olhar o mundo como um engenheiro encontra-se já em Descartes, no seu *Discurso do método* (cf. CHAUÍ, 1988, p. 54).

sucesso no tratamento de alguns casos resistentes e complexos na Psiquiatria, tornou-se minha maior incentivadora. Porém [...] o grande problema era [para ela] [saber] sobre quando iria terminar este livro [...] A respeito disso, lembro-me de um caso interessante. Minha filha mais velha, hoje com 13 anos de idade, cresceu sabendo que o pai estava escrevendo um livro, mas que nunca era publicado. Ela me perguntava freqüentemente quando eu ia terminá-lo e eu lhe dizia que logo o terminaria, mas esse dia nunca chegava. Um dia, pelo fato de estar analisando alguns fenômenos que atuam na leitura da memória, me atrasei mais uma vez para um compromisso social. Quando entrei em meu carro, minha filha, aborrecida, novamente me perguntou quando eu ia terminar de escrevê-lo. Minha esposa, nas raríssimas vezes que perdeu a paciência comigo por me dedicar tanto às pesquisas, disse a ela: Minha filha, seu pai nunca vai terminá-lo, pois o dia em que o terminar, ele morrerá! Após tantos anos, terminei-o e, felizmente, ainda não morri. Embora seja um simples mortal, não tenho tempo para morrer; pois, por me colocar como um contínuo aprendiz em minha trajetória existencial, tenho muito que contemplar, pesquisar e conhecer (p. 28);

(9) à medida que eu procurava investigar os processos de construção que ocorriam em minha mente, comecei também, pouco a pouco, a me transportar para investigar o universo social. Observar o homem, procurar indagar sobre os fenômenos intrapsíquicos que produziam seus comportamentos me fascinavam (p. 31);

Se criatura e criação (con)fundem-se no discurso da *TMC*, observador e observado caem na mesma trama: o enunciador ora se coloca como sujeito do conhecimento (SC), ora como objeto desse conhecimento (OC). Esse duplo movimento pode ser marcado em todos os enunciados, mais explicitamente em (5), “para fazer meu conhecimento, observava tudo” (SC); “mesmo as mínimas reações da minha mente” (OC); em (8) “minha produção de conhecimento” (SC); em (9) “eu procurava investigar os processos de construção que ocorriam em minha mente” (OC); “observar o homem, procurar indagar sobre os fenômenos [...] me fascinavam” (SC). Essa relação biunívoca produz a imagem da dupla figura do enunciador: o sujeito fixa em si como se fosse outro. E é com o olhar desse outro, sendo esse olhar do outro o seu próprio olhar, que a(s) subjetividade(s) vai(vão) sendo construída(s), trabalho também duplo dessa(s) subjetividade(s), apreendida(s), nos enunciados transcritos, com os seguintes atributos: ousadia, avidez, inovação, dedicação, persistência. Esses efeitos identitários participam da constituição do ethos do enunciador, singularizando-o como cientista dedicado ao trabalho, pesquisador dinâmico, perseverante, inovador, ousado, questionador, disposto e capaz de fazer sempre auto-reflexão e autocrítica. Identidade que, pelo resgate de outros sentidos já

produzidos nesse discurso, se complementa: “pensador humanista”, “filósofo da existência”, “engenheiro de idéias”. Retomando uma vez mais os enunciados presentes nos recortes (5, 6), notamos a recorrência de lexemas pertencentes ao campo da medicina: “mente”, “pacientes”, “psicótica”, (re)marcando a presença do discurso médico engendrado na *TMC* e, no fragmento em (6), ao incluir o já excluído, a interdiscursividade acionada resgata discursos que, historicamente, foram construídos para fins de classificação – “mendigo e pessoa psicótica”. Contudo, como não existem “os sentidos”, mas efeitos de sentido construídos no jogo das estratégias discursivas, em todo discurso haverá sempre deslizamentos de sentidos (sentidos que se atravessam, cruzam, incessantemente). E “se isso faz sentido”, os efeitos de falsa-modéstia podem ser comprovados no final do enunciado em (8): “embora seja um simples mortal, não tenho tempo para morrer; pois, por me colocar como contínuo aprendiz em minha trajetória existencial, tenho muito que contemplar, pesquisar e conhecer”.

Outros enunciados têm suas margens povoadas por esse atravessamento, conforme os fragmentos que se seguem:

(10) a ousadia em querer investigar o funcionamento da mente e a descoberta da arte da pergunta, da arte da dúvida e da arte da crítica me faziam tão crítico, que, ainda nos tempos de faculdade [...] eu formulava de maneira diferente o conhecimento de Psicologia, de Psiquiatria e de Sociologia que me ensinavam. [Essa maneira de investigar] me impedia de ser um espectador passivo do conhecimento (p. 31);

(11) lembro de que, há cerca de 16 anos, após ter-me formado em Medicina, procurei ingressar em uma conceituada universidade para fazer pós-graduação. Ao me apresentar, peguei um texto que havia escrito e o acrescentei em meu curriculum para mostrá-lo à banca examinadora formada por ilustres professores doutores em Psiquiatria e Psicologia (p. 31-2);

(12) perguntaram-me quem era o orientador e qual era a teoria e a bibliografia usada. Respondi, educadamente, que era uma pesquisa original; por isso não tinha nem orientador nem bibliografia. Senti, pelos semblantes dos examinadores, que os incomodei muito, que minhas palavras soaram como um insulto à inteligência deles. Por isso se negaram a analisar minha produção de conhecimento. Eles estavam tão enclausurados dentro dos muros da sua universidade, que parecia uma heresia alguém produzir uma pesquisa totalmente nova sobre o funcionamento da mente (p. 32);

(13) eles usavam a ciência, mas desconheciam a história e a lógica das ciências. Pareciam ser os senhores da verdade, embora provavelmente

não conhecessem a Filosofia da verdade [...]. Exercendo o autoritarismo das idéias, pegaram meu texto e, com a maior indiferença, me devolveram sem sequer manuseá-lo. Seria mais digno e democrático se eles o lessem e, após criticá-lo, me dissessem que eu era um sonhador [...]. A dor da crítica acusa a existência de alguém e abre caminhos para amadurecê-lo, enquanto a dor da discriminação anula sua existência. As universidades estão pouco preparadas para financiar pesquisas abertas que objetivem a produção de teorias amplas, por isso grande parte delas foram produzidas fora dos seus muros. Tal é o exemplo da teoria psicanalítica de Freud e da relatividade de Einstein (p. 32);

(14) após devolverem meu texto, aqueles ilustres professores me pediram que eu retornasse à minha faculdade [...] e procurasse meus professores [...] para que produzisse pesquisa sob a orientação deles. Eles não imaginavam que, embora respeitasse a cultura e a inteligência de meus professores, estava-me tornando íntimo da arte da dúvida e da crítica e, por isso, diversas vezes escrevia o conteúdo das aulas de maneira diferente de como eles me ensinavam (p. 32, 33);

(15) não imaginavam que eu não conseguia conter meu ímpeto independente de pesquisar. Catalogava cada comportamento das pessoas ao meu redor e cada pensamento que transitava pela minha mente e gastava tempo analisando-os. Meus bolsos viviam cheios de anotações sobre minhas observações e interpretações e eu já havia perdido algumas noites de sono pelas inúmeras dúvidas que tinha sobre os fenômenos que atuam na complexa construção das cadeias de pensamentos (p. 33);

Associados a essa imagem (falsa-modéstia), não só sentidos já produzidos são (re)atualizados e (re)afirmados como também outros novos, por exemplo, competência, individualidade, autonomia, autoconhecimento, autodidatismo, auto-suficiência. Todos esses efeitos resultam de um efeito maior, qual seja, a genialidade do enunciador. Tramados assim, esses efeitos concorrem para a construção de um discurso vaidoso, faustoso, pretensioso e, por vezes, insolente, uma vez que está centrado no egolatrismo do enunciador. E, se observarmos, uma vez mais, os recortes acionados, notamos, em todos eles, que a negação do conhecimento produzido institucionalmente (questionar o “saber já sabido”) recupera a imagem até aqui construída. Outros efeitos decorrentes da genialidade do enunciador podem ainda ser marcados quando da comparação com Freud e Einstein (13), nomes historicamente reconhecidos no seio das ciências. E esse credenciamento por via do saber é reafirmado, por exemplo, na inversão dos lugares assumidos academicamente – avaliado/avaliador para avaliador/avaliado: “banca examinadora formada por ilustres professores doutores

em Psiquiatria e Psicologia” (11). A repetição da expressão “ilustres professores”, em (14), na seqüência posicional “adjetivo” antecedendo e determinando o “substantivo”, produz efeitos de ironia, corroborando para marcar a preeminência do enunciador. Esses atravessamentos enredados no discurso da TMC participam das estratégias discursivas em direção à constituição de um ethos identitário, marcando sua diferença em relação ao modo de se fazer pesquisa e de se fazer ciência, efeitos decorrentes ainda dessa mesma genialidade do enunciador.

A negação, ainda como efeito de construção identitária, pode ser vista em outros recortes:

(16) um dos maiores erros da educação clássica, que bloqueia a formação de pensadores, foi e tem sido o de transmitir o conhecimento pronto, acabado (p. 24);

(17) o sistema educacional que se arrasta por séculos [...] possui teorias que não compreendem muito nem o pensamento multifocal da mente humana nem o processo de construção de pensamentos (p. 24);

(18) a sede de conhecimento e o desejo de “respirar” a pesquisa científica não foram estimulados pelos meus professores de Psicologia, Psiquiatria, Sociologia na faculdade de Medicina, nem por qualquer pessoa com quem convivi (p. 29);

(19) o embrião dessa sede surgiu, talvez por viver num país com imensas desigualdades sociais, mas que, ao mesmo tempo, possui um rico caldeirão de raças, de cultura e de afetividade e por ser filho de imigrantes de origem multirracial, árabe, espanhol e ítalo-judia. Há dúvida quanto à minha origem ítalo-judia, pois há a possibilidade de que meus antepassados tenham sido judeus que fugiram para a Itália e da Itália migraram para o Brasil (p. 29);

Nos enunciados (16) e (17), o discurso constrói determinados valores, assumindo um modelo ideal de educação e, em (17), é feita, direta e explicitamente, menção à teoria “multifocal”, estratégia cujos efeitos visam a legitimar o discurso da TMC em relação a outros discursos já constituídos; em (19), a subjetividade encontra, na origem, efeitos para constituição identitária. A atualidade desse enunciado insere-se em outros campos da memória, atualizando outros discursos: o primeiro é aquele que diz ser o povo brasileiro o melhor do mundo, o mais democrático e hospitaleiro; o segundo remete ao discurso que diz que ser árabe é estar sempre disposto a lutar, seja por meio de guerras santas, seja por guerras civis, para manter sua hegemonia identitária – brigar por aquilo que lhe pertence por direito –, povo que, historicamente, vive em meio a conflitos seculares, mas que resiste, desmoronando e sempre (re)erguendo-se; o

terceiro atualiza o discurso do conquistador, do vencedor: ser espanhol é ser um desbravador destemido, um dominador ousado, por isso o espanhol sempre obtivera sucesso em sua empreitada de conquistador de mundos desconhecidos; e, por último, o discurso que confere o estatuto da persistência de um povo que, ao longo da história, fora massacrado, o judeu. Os efeitos produzidos concorrem para (re)afirmar a imagem de “democracia”, “humanismo”, “ousadia”, “perseverança”, “sucesso”. A memória discursiva também atualiza um contra discurso. Por exemplo, em (19), há dois movimentos da subjetividade na constituição identitária, um de negação e outro de afirmação: “há dúvida quanto a minha origem ítalo-judia” (negação) e, imediatamente, “há a possibilidade de que meus antepassados tenham sido judeus” (afirmação). No primeiro enunciado o movimento insere-se no discurso da cooperação italiana (Mussolini) à Alemanha nazista (Hitler), porém, o segundo movimento (negação da origem italiana) desvincula os efeitos produzidos na atualidade do primeiro, desvinculando qualquer ligação com um povo que apoiou a perseguição à raça judia assegurando, desse modo, a imagem de resistência, tenacidade, já instaurada no discurso.

Se a autobiografia cria uma “ilusão de real”, segundo Bourdieu (2002), ou se é um mecanismo discursivo que produz efeitos de real, dialogando com Navarro (2006), percebemos, acionando outros fragmentos, estratégias que visam à construção do “final da história”:

(20) hoje, passados tantos anos, os tempos mudaram. Minhas idéias têm sido cada vez mais conhecidas, respeitadas e utilizadas por pesquisadores e profissionais não apenas no Brasil, mas em outros países. Tenho proferido diversas conferências, inclusive em congressos internacionais. A teoria da inteligência multifocal não apenas tem sido aplicada na Psiquiatria e na Psicologia, mas também na Educação. Todavia, se no começo de minhas pesquisas não tivesse vivido uma intensa paixão pelo mundo das idéias, aqueles membros da banca examinadora teriam destruído meu interesse pela investigação do funcionamento da mente (p. 33);

(21) ao olhar para o passado, tenho a consciência de que os “invernos” que passei no início das pesquisas produziram minhas raízes intelectuais mais profundas [...] Esses obstáculos me estimularam a produzir não apenas uma teoria, mas também, diferente da grande maioria dos cientistas teóricos, criteriosos procedimentos de pesquisas na produção dessa teoria (p. 33);

(22) fico imaginando quantos pensadores ilustres não tiveram sua produção de conhecimento abortada pela postura autoritária do sistema acadêmico [...] se impondo como o centro da produção e da validação do conhecimento e como o centro exclusivo da produção de intelectuais, de cientistas, de pensadores, de teóricos (p. 33);

(23) se eu não tivesse passado por tais dificuldades não teria, provavelmente, produzido uma nova e ampla teoria sobre o processo de construção dos pensamentos com diversas implicações na ciência (p. 34);

(24) muitos pensadores foram discriminados, considerados rebeldes e perturbadores da ordem ao longo da história. Sócrates [...] condenado a beber a cicuta [...]; Giordano Bruno [...] procurou uma universidade para expor suas idéias [...] experimentou diversos tipos de perseguição; Baruch Spinoza foi [...] banido pelos membros da sinagoga; Immanuel Kant foi tratado como um cão [...] pelo clero da época; Voltaire, devido às suas idéias humanistas, passou por perseguições. Hoje é raro encontrar pensadores fora da instituição acadêmica, como ocorreu nos séculos passados (p. 34).

O tempo presente, materializado no lexema “hoje”, em (20), e o tempo passado, em (21), o momento do “eu”, colocado para ser o momento do “outro”, são mecanismos acionados para (re)agrupar e fixar os episódios numa aparente ordenação linear – “início”, “meio” e “fim”. A organização de uma temporalidade é uma estratégia discursiva que reafirma efeitos de realidade na prática autobiográfica: o presente cria “um antes” e “um depois” e marca a existência de “um agora”, tempo que funda o aparente momento do discurso. A trajetória narrada, inserida nessa discursividade, cria a imagem do enunciador como aquele que sustenta um discurso verdadeiro. Por conseguinte, criação (discurso) e criatura (enunciador) vestem-se de saber (ciência) e de poder (posição-sujeito cientista). As subjetividades são, assim, conduzidas pela figura genial desse enunciador, encarnada agora com efeitos de onisciência e de onipotência. E essa genialidade não se intimida, quer se mostrar e, sem nenhum pejo, irrompe, imponente, firmando seu domínio sobre pensadores considerados, historicamente, geniais, Sócrates, Giordano Bruno, Spinoza, Kant, Voltaire (24). O lugar soberano, atravessado por efeitos de suntuosidade, insere-se em discursos de superação: “Fui, sofri, e venci”. Ainda, a temporalidade “ao olhar para o passado”, em (21), e, em (24), “hoje é raro encontrar pensadores” (“ilustres”, em 22), (re)produz efeitos de imponência, de enaltecimento, de supremacia nesse discurso.

PALAVRAS FINAIS

Podemos dizer que os efeitos identitários construídos na TMC são produzidos pelo trabalho que a subjetividade faz ao voltar o olhar para a experiência de si. O recurso confessional, engendrado na escrita autobiográfica, possibilita mostrar aquilo que se pensa ser da subjetividade,

mas que, ao mesmo tempo, a própria subjetividade ignorava de si mesma, o que produz efeitos de tentativa de ordenação linear dos episódios narrados nessa discursividade. O auto-testemunho revela, aqui, a crença em si mesmo a partir de condutas que se quer sejam corretas, buscando reconhecimento na trajetória de vida que se confessa na escrita autobiográfica, dialogando com Foucault (2006) e com Machado (1999). Nesse sentido, o olhar do outro, que é o olhar do “eu” e agora também o olhar do outro (do sujeito-leitor), é chamado para conduzir a subjetividade à identidade que se quer construída no discurso.

Isso posto, entendemos, tal qual Bourdieu (2002), a escrita (auto)biográfica como uma estratégia discursiva que visa a agrupar, linearmente, os acontecimentos, produzindo a ilusão de que a história contada tem um “começo”, “um meio” e um “fim”. E, com o aporte nas reflexões foucaultianas, como “um gênero de discurso” que visa a dar “coerência”, a “construir” uma homogeneidade, a estabelecer “uma continuidade para experiências que são por definições dispersas, fragmentárias, descontínuas” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 6).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *O pensador de todas as solidões*. In: Revista Educação, 3, (Foucault pensa a Educação), p. 6-15, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). Usos e abusos da história oral. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 183-191.
- CHAUÍ, Marilena. *Janela da alma, espelho do mundo*. In: NOVAES, Adauto et al. O olhar. São Paulo: Editora Schwarcs Ltda, 1988, p. 31-63.
- CURY, Augusto Jorge. *Inteligência Multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores*. São Paulo: Cultrix, 10ª. ed. (revista e ampliada), 1998, 336p.
- _____. *Dez Leis para ser feliz: ferramentas para se apaixonar pela vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FONSECA, Márcio Alves da. *A preocupação com o sujeito e o poder*. In: Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo: EDUC, 2003, p. 21-38.
- FOUCAULT, Michel. *O homem e seus duplos*. In: _____. As palavras e as coisas. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: Portugalia Editora, 1966, p. 395-446. (Coleção Problemas, 23).

- _____. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero e Introdução traduzida por Antônio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- _____. *O poder psiquiátrico*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GIANNETTI, Eduardo. *Auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Sujeições do presente: problematizando algumas práticas de confissão*. 2003 (inédito).
- _____. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004a.
- LAGRANGE, Jacques. *Situação do Curso*. In: FOUCAULT, Michel. O poder psiquiátrico. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 455-478.
- MACHADO, Leila Domingues. *Subjetividades contemporâneas*. In: BARROS, M. E. B. (org.). *Psicologia: questões contemporâneas*. Vitória: EDUFES, 1999, p. 211-229.
- MACHADO, Roberto. (Introdução e Tradução). *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, p. VII-XXIII, 1992.
- NAVARRO, Pedro. *O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD*. In: ____ (org). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 67-92.
- NAVARRO-BARBOSA, Pedro. “O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História”. In: ____; SARGENTINI, Vanice (org.). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- PRADO FILHO, Kleber. *Trajетórias para a leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault*. São Paulo, 1998. (tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, 1998, 284p).
- RIBEIRO, Lair. *O sucesso não ocorre por acaso*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- ROLNIK, Suely. *Tóxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização*. In: LINS, Daniel (org.) *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 19-24.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. *Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso*. In: NAVARRO, Pedro (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 35-44.